

O PAI DO JECA

Alceu Amoroso Lima

Publicado em *O Jornal* (Rio de Janeiro) de 23 de junho de 1919, foi um dos primeiros artigos com os quais o autor iniciou, no então também novo diário carioca, uma colaboração hebdomadária que duraria 25 anos. Artigo de apreciação do livro de Monteiro Lobato *Problema Vital* (São Paulo, Revista do Brasil, 1918), aparece na obra *Primeiros Estudos; Contribuição à História do Modernismo Literário. I: O Pré-Modernismo de 1919 a 1920* (Rio de Janeiro, Agir, 1948, p. 40-43) de onde o reproduzimos. Na primeira edição dos *Primeiros Estudos* (Rio de Janeiro, José Olympio, 1939), o artigo aparece entre as páginas 222 e 227,

Monteiro Lobato é um dos batedores mais ousados de nossa literatura. Vibrante, expressivo nas comparações vegetais, independente, cria neologismos, inventa construções inéditas, e para idéias novas aplica termos novos. Pode-se dizer que ele sacode a velha árvore da língua, e ao agitar da fronde caem os frutos secos, vigorizam-se os novos e repontam outros. Nem tudo que lança em sua ousadia ficará; mas de qualquer forma transfundiu um novo sangue à velha língua portuguesa. Melhores ou piores, somos já hoje diferentes de nossos avós: modificamos também o idioma que nos herdaram eles, ao contacto de uma terra diferente, na mistura com outras raças, sob um sol mais ardente. Essa língua nova será tão autêntica quanto a que nos foi legada. O tempo é o padrão da boa linhagem filológica. Nosso idioma é mais colorido e natural do que o português, mais correntio e harmonioso, sobretudo mais maleável. O português de Portugal tem mais precisão nos termos, mais unidade, construção mais sólida e metódica. O do Brasil, não sendo tão rico em vocabulário, é mais variado e expressivo, mais humano. Falado, é suave e monótono, sem a agudeza e a música lusitanas. Por todo o Brasil são os escritores regionais os formadores da língua. Ainda nos isentos de tendências regionalistas, ressalta o caráter do idioma recriado, na fluência da frase arredondada e macia, no veludo da expressão. O estilo de Monteiro Lobato é novo, é lididamente brasileiro, tem o viço e o desconcerto da terra. A meu ver, o melhor elogio que mereceu foi o conceito de uma revista portuguesa

sobre seu livro *Urupês*: — “Há aqui e além passagens que pela maneira especial de linguagem e especiais referências a termos locais brasileiros, não podemos compreender”.

Essa incompreensão, mais alegada que real, de nossa linguagem própria, nos é um título de orgulho. O crítico português não quis ver que sob os termos locais brasileiros, brotava um verdadeiro renovo no velho tronco luso.

Se o estilo de Monteiro Lobato revigora a literatura brasileira, sacode sua palavra nossa indolência nativa, Monteiro Lobato é o Savonarola de nossa desnacionalização, de nossa incúria, de nossa ilusão. Neste seu novo livro, coleta de artigos publicados no *O Estado de S. Paulo*, vibra verdadeiras chicotadas na moleza sugadora dos nossos parasitos indígenas. Manguinhos e Butantã surgem como oásis salvadores nesse deserto de indiferença, ninhos onde começam de armar-se os novos cruzados do saneamento.

O quadro das grandes endemias nacionais não se esgota com a ancilostomíase, o impaludismo, o mal de Chagas, parcas do nosso destino. Esses males físicos são função de males morais que podem ser reduzidos a três grandes classes — o bacharelismo, o burocratismo, o literatismo. Úlceras psíquicas, mais bravas que a de Bauru, degradação do doutoramento, do serviço público e das letras, devem ser combatidas preliminarmente a quaisquer outras, porque delas parte a nossa legalidade.

O bacharelismo ataca a mocidade por volta dos 15 anos. Contraída a seção, começa de corroer as fibras da vontade, da iniciativa, do realismo nacional e predis põe o organismo para o mal burocrático.

O burocratismo, encontrando o terreno propício, sutilmente corrompe o sangue ainda são da vítima e definitivamente a aparta das profissões independentes e produtivas. E por 35 anos vegeta o indivíduo, de casaquinho amarelo, entre o último bonde do “ponto” aberto e as quatro horas libertadoras. Toma-lhe as horas do dia a minuciosa redação de vagos ofícios. Vive de intriguinhas e cotoveladas nas promoções. Casa, tem dois filhos verdes, joga no bicho e morre com os olhos grudados no ideal — a aposentação.

O micróbio do burocratismo é precursor do literatismo. Nas horas ociosas entre os raros ofícios do dia, a mesa deserta convida aos sonhos literários. E o doente começa a deitar poesias. Nesses óvulos se oculta a ninfa da moléstia que, pelos ouvidos e pelos olhos, contamina toda a secretaria.

Nos cafés, nas escolas, nas repartições e nos salões se consoma a ruína de 20 milhões de opilados, de amarelados, de papudos, que vagueiam pelo nosso interior.

Todo esse mal moral provém do ensino. Uma educação viciada, nas escolas e nos colégios, educação pouco severa, teórica e muito mecânica, descuida de dar ao indivíduo a qualidade máxima — o caráter. A América do Norte era, até há pouco e ainda hoje, um país de ignorantes de caráter, e o exemplo é decisivo.

Monteiro Lobato estuda, nesses artigos de combate, as duas faces do problema higiênico, concluindo pela procedência do saneamento físico. Em princípio tem razão, pois da saúde dependem prosperidade e inteligência. Todavia, não está entre nós o mal disseminado por igual. Temos o sertão contaminado fisicamente. Temos o litoral contaminado moralmente. É o litoral que explora e domina o sertão. Logo é mais urgente atender à causa do que ao efeito, que cessará com ela. Nada impede, porém, e antes é desejável, que simultaneamente se enfrentem as duas faces do problema.

Depois de expor em tons vibrantes de sineiro que toca a rebate os males que nos assolam, Monteiro Lobato narra a ação de Artur Neiva em São Paulo, mostrando — pela ressurreição de Iguape e pelo exemplo dos frades de Tremembé — qual a capacidade de revigoração do ora célebre Jeca Tatu. Convençam-se seus detratores de que nem sempre os carinhos são provas de amor. . .

Para terminar estuda o contraste curioso das zonas tropicais, onde a vida animal e vegetal é tanto mais pujante quanto se esgota e deprime a humana. Explica-o pela ação do progresso que enfraqueceu o homem, impedindo-o de resistir à natureza hostil. Parece frágil o asserto, porquanto o indígena é tão-miserável e degenerado nessas regiões quanto o europeu. O homem verdadeiramente civilizado é mais forte do que o selvagem. Nem da raça nem do clima provém o despoamento amazônico, senão do meio infenso à vida humana. Expurgado o meio, como dizem os cientistas ser possível, o homem forte — autóctone ou imigrado — prosperará no "inferno verde".

Esse volume de Monteiro Lobato não é obra de pessimista, senão o pensamento de um realista, que escreve livros de verdade e de verdades. O saneamento moral e físico do Brasil, a par da remodelação social da sociedade, é a grande tarefa dos nossos dias. Vozes como a de Monteiro Lobato são o penhor de uma vitória.

